

“ALMA ROJA”: TRAÇOS DE UM CARICATURISTA ANARQUISTA

CAROLINE POLETTO¹

Tentar-se-á, no presente artigo, dar voz aos riscos de “ALMA ROJA” – um dos principais caricaturistas do periódico anarquista argentino **La Protesta**² e de seu suplemento (**Suplemento de La Protesta**)³ – que circularam entre os anos de 1908 a 1910 – interligando-os, sempre que possível, ao contexto de suas criações, procurando dar vida e dinamicidade a esses traços sem dono, desprovidos de uma identificação pessoal precisa, procurando demonstrar a importância que as caricaturas tinham no periódico libertário, bem como o importante papel que cumpriam no que condiz à função pedagógica que exerciam na formação dos leitores.

É importante salientar que tal tentativa se traduz em um desafio historiográfico, uma vez que pretende dar voz a um sujeito que, para não ser silenciado no seu tempo, escondia-se por meio de pseudônimo e, será exatamente através desse pseudônimo, desse anonimato, que será possível reconstruir parte das vivências, crenças e denúncias que o caricaturista libertário tentava expressar nos traços singelos das suas charges. Trazer à tona percepções individuais de um sujeito que se expressava através do anonimato, identificando-se sob a assinatura de “ALMA ROJA,” de um outro “eu”; eis, pois, o primeiro desafio desse artigo. Muitos dos sujeitos estudados pela história, mais recentemente pela micro-história, deixaram diários, cartas ou outros registros pessoais que traduziam as suas percepções, emoções e ações. Infelizmente, “ALMA ROJA” não deixou nada disso. Porém, felizmente (e aqui se encontra o segundo desafio) deixou uma rica coleção de caricaturas (e é espantoso que nenhum historiador tenha ainda se dedicado ao seu estudo e análise). Para o caso de “ALMA ROJA” o espanto é ainda maior, uma vez que o mesmo, além das caricaturas, também escreveu inúmeros textos no periódico **La Protesta** que enriquecem e auxiliam a revelar certas percepções do indivíduo que está escondido/ protegido pela assinatura “ALMA ROJA” e que possibilitam a construção desse relato. “ALMA ROJA” é, portanto, uma “figura

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em História.

² O periódico “**La Protesta Humana**” foi fundado no ano de 1897 em Buenos Aires. Mantém a sua circulação até os dias atuais, configurando-se num dos principais periódicos anarquistas, tanto pela qualidade dos seus escritos como pelo seu tempo de duração. A partir de novembro de 1903 “**La Protesta Humana**” abreviou seu nome e passou a se chamar “**La Protesta**”.

³ O **Suplemento de La Protesta** circulou em Buenos Aires entre os anos de 1908 a 1909.

múltipla”, pois tanto escreve como desenha concentrando em si os papéis do caricaturista e do escritor. Saliba (2002), ao estudar a presença do humor na imprensa paulista e carioca, constatou que grande parte dos caricaturistas da primeira e segunda décadas do século XX eram “figuras múltiplas”.

[...] o humorista típico [...] condensa em si mesmo as figuras do caricaturista, do cronista da imprensa ligeira e do revistógrafo. Neste caso, o humorista também é uma figura múltipla, com alta capacidade de trânsito entre práticas culturais distintas. (SALIBA, 2002:163)

No entanto, a condição de anonimato e a utilização de pseudônimos nos periódicos libertários não é uma característica exclusiva dos caricaturistas, estendendo-se, por vezes, aos autores, colaboradores e até dirigentes. “En muchas publicaciones obreras de filiación anarquista el periodista es anónimo y mimetiza bajo diferentes seudónimos”(LOBATO, 2009:66). Ao procurar apresentar e eternizar os traços de “ALMA ROJA” assume-se que várias lacunas serão deixadas em aberto e que, em muitas partes do relato, jogar-se-á com as possibilidades, com o provável, sendo que as expressões “é possível”, “talvez”, “imagina-se” estarão presentes na narrativa; no entanto, a mesma procurará não deixar de lado as incertezas e a convicção de que a história aqui transposta será apenas uma das múltiplas possíveis e não é e nem tem a pretensão de ser a mais verdadeira, mas sim objetiva trazer contribuições ao que concerne tanto à história operária quanto à história do próprio indivíduo em si, recuperando percepções de sujeitos que até o momento foram esquecidos pela história, provavelmente pelo seu anonimato ou intencionalmente devido à sua crença na luta por um mundo alternativo. Mundo esse que nos dias atuais é cada vez menos sonhado, uma vez que seu desejo é ofuscado pelo individualismo e materialismo que permeia a existência contemporânea, dificultando a percepção do outro e a possibilidade real de mudanças significativas, em que o “ser coletivo” passaria a ser mais valorizado que o “ter individual”.

Quanto ao anonimato de “ALMA ROJA” acredita-se que ele não impossibilita a construção do relato, mas que “compete ao historiador perguntar pelos silêncios, identificar no que não foi dito uma razão de natureza muitas vezes política” (BARBOSA, 2004:2). A natureza política do silêncio da identificação e da opção pela utilização de pseudônimos é clara no estudo em questão, uma vez que as caricaturas eram reproduzidas em periódicos anarquistas, contrários, portanto à ordem vigente e às posturas tradicionais.

“*ALMA ROJA*” era anarquista e publicava suas caricaturas no periódico libertário “**La Protesta**” e no “**Suplemento de La Protesta**” durante os anos de 1908 a 1910, anos esses em que a perseguição aos anarquistas pelas ruas de Buenos Aires era uma atividade cotidiana da polícia portenha e o anonimato era o que possibilitava não só a permanência das publicações da imprensa libertária, mas também a liberdade dos sujeitos em questão (inúmeros foram aqueles que ficaram confinados em cárceres ou que foram deportados da Argentina).

O anonimato foi, portanto, uma escolha individual de “*ALMA ROJA*” e não uma imposição, uma determinação; pois houve anarquistas que preferiram não utilizar pseudônimos e correr os riscos de uma provável perseguição. Nesse sentido concorda-se com Revel quando este define a experiência biográfica como um campo de possibilidades e com Barth quando a história lhe toma de empréstimo a noção de escolha individual:

Uma experiência biográfica, a do padre Croce ou a do pintor Annibale Carracci, pode assim ser relida como um conjunto de tentativas, de escolhas, de tomadas de posição diante da incerteza. Ela não é mais pensável apenas sob a forma da necessidade – esta vida existiu e a morte a transformou em destino –, mas como um campo de possibilidades entre os quais o ator histórico teve de escolher. (REVEL, 1998:38)

Os elementos teóricos mais importantes são encontrados no antropólogo norueguês Fredrik Barth. A micro-história toma-lhe de empréstimo o modelo de um indivíduo ativo e racional, que por seu lado opera escolhas num universo caracterizado por incertezas e obrigações que dependem particularmente da distribuição desigual das capacidades individuais de acesso à informação. (LEPETIT, 1998:88)

Portanto, sempre que se faz referência às atuações, reivindicações e emoções de “*ALMA ROJA*” se está referindo às suas escolhas, as quais, por serem somente suas (individuais) não podem ser generalizadas para toda a classe operária portenha. Assim, “*ALMA ROJA*” escolheu, dentro das suas possibilidades, ser anarquista, e ser anarquista atuante, uma vez que contribuía desenhando e escrevendo num dos principais periódicos libertários do período. Poderia, entretanto, ter escolhido o lado do socialismo e ter contribuído com o periódico socialista **La Vanguardia**, ou ter escolhido os círculos operários católicos e a sua suposta beneficência para contribuir socialmente, ou ainda optar pelo descaso, pelo afastamento do movimento operário e se constituir num operário apático. Portanto, o fato de “*ALMA ROJA*” ser anarquista é uma escolha, e não

uma imposição (embora o contexto de exploração em que vivia contribuísse para essa escolha, a mesma não era a única possível). Como demonstrado, ele tinha outras opções e a escolha pelos princípios libertários era apenas mais uma entre as variáveis possíveis. Assim, ao não considerar que o comportamento e as escolhas de “ALMA ROJA” possam ser generalizados para toda a classe operária de Buenos Aires pretende-se que “a análise, aqui, não deve individualizar comportamentos típicos para ilustrar normas ou modelos. Ao contrário, ela se propõe descobrir mecanismos que permitam dar conta da variação, da diferenciação dos comportamentos”(GRIBAUDI, 1998:132).

Antes de debruçar-se sobre os escritos, as caricaturas, as denúncias e as crenças de “ALMA ROJA” é necessário notar que o mesmo era um anarquista privilegiado por sua capacidade de ler, escrever e desenhar num contexto rodeado por analfabetos, em que as escolas eram raras e recém começavam a aparecer as escolas operárias, criadas e gestadas por anarquistas que acreditavam no papel fundamental da educação para a transformação social. Nesse contexto as escolas libertárias tiveram um importante papel sendo responsáveis por alfabetizar parte da classe obreira de Buenos Aires e pela conversão de um maior número de indivíduos aos ideais ácratas (embora o número de alunos nas escolas libertárias não fosse tão expressivo, já que não atingia a maioria dos trabalhadores, a sua importância não pode ser desconsiderada, uma vez que atingiu determinados sujeitos e contribuiu para suas formações futuras, tanto individuais como sociais). Sobre a finalidade e a importância da educação para os anarquistas Barrancos (1990) destaca que:

La filosofía anarquista entendió la educación como un pilar en la gran tarea regeneradora y fue obsesiva en distinguir al Capital, al Gobierno, a la Iglesia y a la Ignorancia como las cuatro cabezas del monstruo que debían enfrentar, y finalmente suprimir, los suprimidos. (BARRANCOS, 1990:12)

Procurando realizar essa tarefa regeneradora, as escolas libertárias geralmente ofereciam também um atendimento noturno, para que os operários adultos também fossem alfabetizados e impregnados do espírito anárquico.

Circular de la Escuela Moderna

[...] Conforme nuestro deseo de instalar una escuela en la que se eduque de acuerdo con los dictados de la razón y de la ciencia, hemos hecho practica la instalación de la “Escuela Moderna” en el cómodo local: Uspallata 407; funciona hace mes y medio en que reciben educación ciento y treinta niños. (LA PROTESTA, Buenos Aires, 9 de enero de 1909, n° 1539 p.02).

Yo no fue educado en una escuela y si por mis padres, con mucho esfuerzo una vez que ellos sabían escribir de una forma rudimentaria y mismo esa forma rudimentaria de escribir era una raridad; después tuve que practicar solo, como que un autodidacta porque no había escuela pública en el barrio de Barracas. Por eso me alegro con la circular de la Escuela Moderna. ALMA ROJA. (LA PROTESTA, Buenos Aires, 9 de enero de 1909, n° 1539 p.02).

Tais fragmentos extraídos do periódico **La Protesta** fornecem importantes informações acerca do maximizado valor que os anarquistas conferiam à educação, bem como permitem reconstruir parte do universo em que viveu “ALMA ROJA”, uma vez que o mesmo informa em seu texto que no bairro em que passou ao menos parte de sua infância não havia escolas e que aprendeu a ler com bastante dificuldade através de seus pais, que, conforme expõe, tinham uma educação limitada e rudimentar. Mesmo assim ele admite que essa “educação rudimentar” era um privilégio (porque rara) no período e local em questão. Vale ressaltar que do bairro onde vivia, ou seja, do bairro operário “Barracas” surgiram vários colaboradores do anarquismo portenho, bem como várias redações de periódicos operários (nos arredores do bairro); se, por um lado, eram poucos os que sabiam ler, por outro, a capacidade de atuação desses poucos era evidente.

En Buenos Aires la localización espacial de los periódicos siguió la de las organizaciones gremiales y éstas se ubicaban en los barrios donde se concentraban la mayor cantidad de fábricas y talleres. En el centro y sur de la ciudad de Buenos Aires, en las calles del barrio Once, en Almagro, en Parque Patricios y Constitución, en la Boca y en Barracas aparecen el mayor numero de redacciones, sede de los administradores, de los responsables y de la recepción de la correspondência. Barracas era una zona predominantemente obrera y allí estaban localizadas las fábricas de medias Salzman y París, las grandes fábricas de la zona como Alpargatas, Terrabussi, Águila Saint y Godet o la editora Fabril Financeira. [...] La geografía de la prensa siguió la de la industria concentrándose en la zona de Barracas y la Boca terminando en la línea del Riachuelo, en el Centro, Villa Crespo y Once. (LOBATO, 2009:55-56).

Os esclarecimentos de Lobato sobre o bairro operário “Barracas” permitem supor que os pais, e muito provavelmente o próprio “ALMA ROJA” trabalhassem em algumas das fábricas ali instaladas. Isso justifica o fato de que nas caricaturas de “ALMA ROJA” o que aparece é a exploração na fábrica urbana, os conflitos entre o capitalista/burguês e o operário; portanto, o mundo urbano está presente nos seus desenhos enquanto que o mundo camponês não aparece, e nem poderia aparecer, uma vez que esse mundo é estranho ao caricaturista. Assim, aos seus desenhos serão

transpostas as angústias, injustiças e também os sonhos de um indivíduo que cresceu e viveu no bairro operário de Barracas, onde o conflito operário/patrão permeava o cotidiano.

Durante os anos de 1908 a 1910, “*ALMA ROJA*” publicou 61 caricaturas no periódico **La Protesta** e no **Suplemento de La Protesta**, o que demonstra o valor desse caricaturista na imprensa operária. Suas caricaturas remontam a variados assuntos sendo a aversão aos burgueses, a exploração, as caricaturas contra o Governo (caricaturas contra o sistema capitalista e o poder estatal), caricaturas anticlericais, o antimilitarismo e a repressão os assuntos mais constantes e repetitivos nas ilustrações de “*ALMA ROJA*”.

Grupo de Assunto	Caricaturas Alma Roja
Exploração	8
Antiburguesa	8
Antimilitar	7
Repressão	7
Anticlerical	6
Liberdade	6
Contra o Governo	6
Contra os Socialistas	5
Organização proletária	4
Miséria	3
Natal	1
Total geral	61

Tabela 1: Assunto das caricaturas de *ALMA ROJA*

Em uma das caricaturas ele faz a sua assinatura ao revés, de trás para frente, expressando uma tendência contra os padrões estáticos e estéticos, conforme pregava parte da teoria anarquista; outras três caricaturas ele provavelmente realiza em conjunto com outros caricaturistas, uma vez que se percebe a mistura de traços e a existência de duas assinaturas (“*ALMA ROJA*” e “*FRANZONI*” ou “*ALMA ROJA*” e “*SPERONI*”)⁴,

⁴ Nos trabalhos pesquisados referentes à imprensa operária Argentina nada se encontrou a respeito dos caricaturistas “*ALMA ROJA*” e “*FRANZONI*”. No entanto, o artigo de Diego Abad de Santillán escrito em 1927 em comemoração aos 30 anos do periódico *La Protesta* faz referência a um importante desenhista do periódico que teve destaque no ano de 1910 denominado “*SPERONI*”. Na caricatura assinada por este último em conjunto com “*ALMA ROJA*” percebe-se claramente a existência de dois traçados distintos, evidenciando que se tratavam de desenhistas diferentes realizando um desenho em conjunto. Já nas assinadas por “*ALMA ROJA*” e “*FRANZONI*” fica mais complicado de perceber onde termina o trabalho de um caricaturista e começa o do outro; provavelmente os traços desses caricaturistas eram similares ou talvez ambos sejam a mesma pessoa. De acordo com Santillán “un dibujante que sobresalió en las publicaciones fue Speroni” e esta é toda a

expressando assim o espírito coletivo que estava presente na edição de um periódico libertário. Tal espírito coletivo é observado no editorial do exemplar de fundação do **Suplemento de La Protesta** de 1908, em que são exaltados os nomes dos caricaturistas “*ALMA ROJA*” e “*SPERONI*”, ao mesmo tempo em que o valor das caricaturas é ressaltado uma vez que o editorial do suplemento afirma que os desenhos não necessitam de palavras para traduzirem suas críticas, são completos por si mesmos. Eis o editorial:

SPERONI y Alma Roja han ilustrado el presente número con los trabajos artísticos que habrán admirado los lectores. Animados por el ideal y compenetrados del propósito que hemos tenido en cuenta al iniciar este suplemento de LA PROTESTA, sus lápices han dado relieve gráfico al pensamiento sin que sea mayormente necesario agregar palabras explicativas. (**SUPLEMENTO DE LA PROTESTA**, Buenos Aires, 1º de Mayo de 1908, nº1, p.27).

Para apresentar parte da amostra caricatural de “*ALMA ROJA*” foram selecionadas 8 das 61 caricaturas para demonstrar algumas representações que “*ALMA ROJA*” eternizou através de seus traços. Representações essas que muitas vezes eram reforçadas pelos seus escritos (pelas legendas que acompanhavam as caricaturas ou por textos avulsos, com ou sem relação direta com as imagens).

“*ALMA ROJA*” embora ainda (até o presente momento) não tenha sido reconhecido pelos historiadores como um sujeito que “tem uma história a contar”, seja por não considerarem as caricaturas enquanto fonte histórica, ou ainda, devido ao seu anonimato que dificulta, certamente, a investigação, é importante ressaltar que “*ALMA ROJA*” possuía, em seu tempo, certo prestígio frente àqueles ligados aos ideais anarquistas, de forma que seus desenhos eram conhecidos e apreciados tanto pelo corpo editorial de **La Protesta** como pelo público receptor do diário.

“Somatén”

Se nos comunica que para el 1º de Mayo aparecerá un número único ilustrado con el título que encabeza esas líneas. Su formato contará de ocho páginas, en las cuales colaboraran numerosos y conocidos camaradas de la Argentina y del Uruguay. Además la primera página será ocupada por un hermoso grabado del compañero ALMA ROJA. (**LA PROTESTA**, Buenos Aires, 21 de marzo de 1908, nº1301 p.01).

Como já explicitado, “*ALMA ROJA*” vivia num bairro operário e as relações entre patrões/operários faziam parte do seu cotidiano, bem como a conseqüente

informação que Santillán fornece a respeito do caricaturista. Ver: Certamen Internacional de La Protesta: en ocasión del 30 aniversario de su fundación: 1897 – 13 de junio – 1927 (disponível em CD, gravado pelo CEDINCI).

exploração e miséria dos trabalhadores. Essas questões estão implícitas nas suas caricaturas, revelando a sua percepção de uma relação entre desiguais estabelecida no interior das fábricas que resultava na exploração dos trabalhadores em benefício de seus patrões e governantes.

A caricatura abaixo denuncia de uma forma fria e direta a exploração sofrida pela mulher no interior das fábricas e o excesso de autoritarismo do patrão. A legenda da caricatura apresenta uma ordem do patrão: “- *Vamos, sé buena conmigo...Yo mando aqui...Y tendrás dos centavos más por hora...*”. Nessa combinação entre legenda e desenho é evidenciada a crítica aos abusos dos patrões e, em particular, aos abusos sofridos pelas mulheres. Provavelmente esses abusos femininos eram percebidos cotidianamente por “ALMA ROJA” e seus traçados indignados foram a maneira com que encontrou para denunciar tal opressão ocorrida no interior das fábricas. É provável que mulheres da vizinhança ou mesmo da sua família tenham sofrido desses abusos, o que confere maior veracidade a denúncia empreendida na caricatura.



Figura 1: Caricatura denunciando a exploração feminina no **La Protesta** (1909).

Fonte: *La Protesta*, 30 de março de 1909, nº1605 p.01

Oscilando da opressão da mulher para a opressão ampliada do povo, assim apareciam os riscos de “ALMA ROJA”. Na caricatura abaixo o povo é apresentado como “*la eterna bestia*” – uma vez que ele sustenta seus opressores: os burgueses, os governantes, a opinião pública e o periodismo burguês; mostrando assim que “ALMA ROJA” não concordava com as mazelas burguesas utilizadas para a manutenção do seu poderio político e sua influência social. No entanto, percebe-se que, embora na caricatura abaixo a postura do povo passe a impressão de submissão, essa impressão

mudará conforme o objetivo do caricaturista “ALMA ROJA”. Assim, quando pretende mostrar a exploração do povo este é rabiscado com traços de apatia e submissão; porém, quando quer convocar o povo para a ação, esse rabisco descarta os traços apáticos pelos traços enérgicos que traduzem a crença do caricaturista na ação operária. Portanto, estratégias eram utilizadas pelo caricaturista para reforçar a exploração sofrida pelos trabalhadores, bem como para mostrar a força contida nestes sujeitos; de forma que o povo (os trabalhadores) nem sempre é retratado da mesma maneira, dependendo, como já foi dito, da intenção do caricaturista: denunciar opressões ou organizar a ação.



Figura 2: Caricatura denunciando a exploração do povo no **La Protesta** (1908).

Fonte: *La Protesta*, 1º de março de 1908, nº 1284 p.01

A representação da miséria operária também é uma maneira do caricaturista transmitir a sua indignação e inconformidade com aquilo que ele está percebendo ao seu redor, fazendo com que dedique os seus traços e palavras mais ferozes para representar o irrepresentável: a miséria humana.

Quando nuestros pasos nos alejan de donde ese mundo de lo ahító holgnea, y nos acercan ahí en esos suburbios, perdidos como cosa inservible en las afueras de la opulenta ciudad, y contemplamos todas las miserias que contener pueden, cuando vemos que hay muchos que no comen y muchos que de haber llorado tanto, ni desahogarse llorando pueden, cuando vemos esos escuálidos cuerpos, pugnando por sostenerse en pié, defendiéndose heroicamente de la tisis que los vence, que los postra cuando vemos, mujeres, niños y ancianos ignorantes, olvidados, viviendo entre las sombras más espesas de lo ignominioso, relegados en un rincón como harapos que de inservibles ¡ya ni para un remiendo sirven!...Entonces también nos sublevamos, también sentimos odios, iras soberbias, impulsividades de titán para escalar el Olimpo!...!Ay! dolor...dolor, como incas fieramente tus dientes en el alma anarquista ¡como la sublevas! ... Aquéllos por superfluos, éstos por indigentes... Aquéllos porque tienen todo hasta la exageración y estos porque se les niega todo ¡Hasta la mísera pitanza que el presupuesto del rico otorga al habitante de su señorial perrera! ALMA ROJA (**LA PROTESTA**, Buenos Aires, 9 de mayo de 1908, nº 1342 p.01)

¡Pobre! Y había muerto tísica, consumidas sus tenues fuerzas por la dura labor que le imponía la necesidad, allá en aquella fabrica maldita, desgastadora de energías y voluntades, que de poco a poco había hecho doblar su organismo endeble, así como se doblan los pálidos lirios besados por la brisa de la mañana. ALMA ROJA (**LA PROTESTA**, Buenos Aires, 17 de febrero de 1909, nº1572 p.01)

Miséria humana que se traduzia numa jornada de trabalho desumana, nas demissões sem justa causa, nos baixos salários, nos altos preços dos aluguéis, entre outras crueldades características da primeira década do século XX em Buenos Aires, as quais atingiam, principalmente, a massa operária da qual “*ALMA ROJA*” era integrante. O título do desenho utiliza-se da ironia para atingir o leitor, visto que a essência da ironia é dizer o contrário daquilo que realmente se pensa e “*ALMA ROJA*” ao intitular o desenho de “*Bellezas del regimen*” está exatamente denunciando as crueldades do mesmo. Segundo Linda Hutcheon “a ironia consegue funcionar e funciona taticamente a serviço de uma vasta gama de posições políticas legitimando ou solapando uma grande variedade de interesses” (HUTCHEON, 2000: 26-27). A compreensão da ironia assim como das caricaturas (enquanto charges) necessita do conhecimento do contexto no qual surgiram para serem realmente assimiladas e entendidas, de forma que “la caricatura para su comprensión e interpretación, requiere de ciertos conocimientos referenciales y/o contextuales del interpretante” (FRANCO, 2001: 4).



Figura 3: Caricatura denunciando a miséria no **La Protesta** (1908).
Fonte: *La Protesta*, 26 de julho de 1908 nº 1408 p.01

Se a caricatura existe porque faz referência a um determinado contexto é lógico que a sua expressão se traduz na representação que um indivíduo tem (o caricaturista) desse dado contexto; por isso, sua importância enquanto testemunha de uma representação não pode ser questionada. A visão que o caricaturista tem acerca da

miséria que assolava parte dos trabalhadores de Buenos Aires é reforçada pela legenda que afirma a carência de condições mínimas de sobrevivência: “*Sin pan ni hogar!*”. Dessa maneira percebe-se que “*ALMA ROJA*” forneceu dados tanto sobre a miséria e exploração nas fábricas que rodeavam o seu bairro, bem como a respeito da repressão sofrida por vários dos seus colegas do periódico **La Protesta**.

Na charge abaixo “*ALMA ROJA*” realiza uma crítica direta ao coronel Falcón⁵ e à sua política de repressão aos anarquistas, bem como à própria Ley de Residencia que foi responsável por um grande número de deportações de anarquistas (principalmente espanhóis e italianos) da Argentina. A Lei, que se encontra em processo de redação na charge, está sendo definida através da seguinte frase: “*nueva ley de represión contra el anarquismo*” fazendo alusão direta a repressão policial que atingia parte dos operários portenhos e aos projetos restritivos ambicionados pelo coronel Falcón. A legenda da caricatura “*Heroicidad ó simpleza?*” questiona o caráter “heróico” de Falcón (caráter esse concedido por segmentos burgueses) ao mesmo tempo em que elogia a simpleza dos anarquistas. De acordo com Suriano (2001):

En 1908, el jefe de policía de Buenos Aires coronel Ramón L. Falcón propuso la sanción de una ley de imprenta limitando el derecho de expresión. Hacía tiempo que Falcón estaba empeñado en lograr una ley de imprenta que limitara la expresión de los grupos contestatarios. (SURIANO, 2001: 183-184)



Figura 4: Caricatura denunciando a repressão no **La Protesta** (1908).

Fonte: *La Protesta*, 5 de abril de 1908, nº1314 p.01

⁵ Falcón ocupou o cargo de chefe de polícia da Província de Buenos Aires durante a primeira década do século XX. Ficou conhecido devido à sua política de repressão aos anarquistas, tendo sido assassinado no ano de 1909 por um jovem anarquista russo, o que ocasionou o fechamento temporário do periódico *La Protesta*.

No entanto, apesar de toda miséria, exploração e repressão, “ALMA ROJA” seguia acreditando numa virada de mesa, numa melhora da situação, na libertação da massa operária e no porvir da sociedade libertária. E, assim como ele, muitos outros anarquistas continuaram acreditando na possibilidade de mudança, continuaram com esperanças e agiam objetivando alcançar a sociedade alternativa. Por outro lado, diferentemente, houve outros libertários que desistiram; talvez, por estarem cansados de esperar por resultados que tardavam a chegar, tenham deixado de lutar e, outros ainda, que trocaram de lado, que passaram a fazer parte das fileiras do partido socialista. Portanto, o fato de “ALMA ROJA” continuar acreditando nos princípios libertários até o fim (não de sua vida, porque desse não se sabe), mas pelo menos até a última publicação de uma charge sua no periódico **La Protesta** se traduz em uma escolha individual. E, se ele seguiu a tendência da maioria dos colaboradores do periódico libertário em que contribuía, é provável que tenha defendido os princípios libertários até o final de seus dias, e passado suas crenças aos seus filhos (se tais filhos chegaram a existir). Eis o mais provável. Porém a história sempre apresenta desvios inesperados, e por isso deixa-se aqui de afirmar para propor. Ao dar importância às crenças e desejos de “ALMA ROJA” que se traduzem na ruptura da opressão e autoritarismo e na consequente obtenção da liberdade, aproxima-se das intenções de Burckhardt quando este:

[...] esperava ir além dos fatos consumados e descobrir os aspectos emocionais dos acontecimentos. Num momento de sua vida, acontecera-lhe “um fenômeno muito estranho”: tinha tomado consciência da súbita dissolução de todos os dados históricos puros e simples e entendido como era importante trabalhar com os desejos e as imaginações dos homens. (LÖWITH Apud LORIGA, 1998: 239)

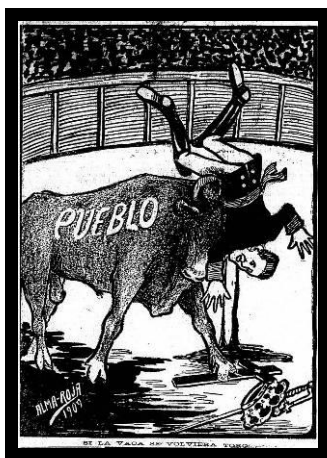


Figura 5: Caricatura representando a força do povo no **La Protesta** (1909).
Fonte: *La Protesta*, 17 de outubro de 1909, nº1774 p.01

Porém, nas representações de “*ALMA ROJA*” não há lugar apenas para mostrar a exploração e a miséria, mas também a força do povo. Por isso, na caricatura acima o povo é representado através de um touro dotado de força, ou seja, é a representação oposta à do “povo submisso”, também rabiscado por “*ALMA ROJA*” em suas caricaturas. Assim, percebe-se que quando o caricaturista quer transmitir o poder do povo ele o desenha enquanto um animal dotado de força física e, quando quer demonstrar o povo sofrido e explorado, o traça enquanto um animal apático e cansado (“*bestia de carga*”). A charge acima representa (através do touro) a força do povo sendo empregada contra as três instituições consideradas opressoras pelo anarquismo e a causa de todos os males: o Estado (representado no desenho pela Coroa), o exército (representado pela espada) e o clero (representado pela cruz). O touro (povo) está indo ao encontro, ao combate dessas instituições demonstrando a crença que “*ALMA ROJA*” tinha na capacidade/possibilidade de mudança através da força das massas, do povo. A própria legenda que acompanha a caricatura aponta para essa possibilidade de mudança através da força do povo, uma vez que chama a atenção para tal possibilidade “*si la vaca se volviera toro*”, evidenciando que a força dos trabalhadores estava lá, adormecida, apenas precisava ser despertada. Dessa maneira, ao apresentar o povo enquanto arma de combate à situação opressora existente em Buenos Aires, a caricatura auxilia no processo de conscientização dos trabalhadores, uma vez que planta a idéia de que os mesmos são sujeitos participantes do processo de transformação social. Nesse sentido, as caricaturas “têm muitas vezes contribuído para politizar pessoas comuns, especialmente – mas não exclusivamente -, em sociedades pouco letradas” (BURKE, 2004: 182). No entanto, as instituições criticadas na charge de “*ALMA ROJA*”: o clero, o Estado e o exército, só existem porque são os homens que lhes dão valor, e são, portanto, também passíveis de destruição por esses mesmos homens. E nesse ponto concorda-se com Levi quando este constata que as instituições “só têm realidade na medida em que são envergadas por atores sociais que as investem e se referem a elas em suas ações” (LEVI, 1998: 137). “*ALMA ROJA*” propõe a extinção dessas instituições, as quais só existem enquanto os homens as sustentarem e acredita no dia em que essa realidade institucional não mais existirá:

Creo de ver ahí en mis suburbios, vagando á los morticimos reflejos de la luna, en un ulular de fantasmagóricas figuras, el alma del pueblo, como un jirón de vida amenazante, entre lampos de luz, crespones de sombra, amamantando venganzas, gestando el momento supremo de

las terribles represalias, que ha de poner fin á los ensobrecidos desmanes de los de arriba, para hacer surgir abajo en un raudal de amor, entre besos y sonrisas, la vida amplia, la gran vida forjada en los ensueños anarquistas. *ALMA ROJA* (**LA PROTESTA**, Buenos Aires, 9 de mayo de 1908, nº1342, p.01).

No entanto, para que a mudança se faça efetiva não basta acreditar e sonhar; é necessário agir. E “*ALMA ROJA*” traça duas maneiras de agir, as quais são distintas, mas não necessariamente excludentes: a greve geral e a ação violenta⁶. Ambas foram utilizadas pelos anarquistas de Buenos Aires para tentar modificar a realidade; a primeira delas amplamente e a segunda em determinadas ocasiões, tendo seu ápice na década de 20 com a atuação dos anarquistas expropriadores⁷. É muito provável que “*ALMA ROJA*” tenha participado de algumas das várias greves gerais ocorridas em Buenos Aires na primeira década do século XX, partilhando das esperanças dos trabalhadores e sofrendo as represálias policiais. No entanto, apontar para a sua atuação em eventos violentos já é um pouco mais difícil, o alvo está mais longe. Houve algumas ações violentas (assaltos, assassinatos, brigas) em Buenos Aires na década de 1910, mas essas ações só se tornaram mais freqüentes a partir da década de 1920. No entanto, o fato de “*ALMA ROJA*” apresentar um desenho que faz referência à ação violenta, ao uso de bombas, pode ser lido enquanto uma simpatia para com essas ações. Simpatia essa que não era compartilhada entre todos os anarquistas. Ao contrário, apenas uma minoria apoiava o uso da violência para atingir seus objetivos mais imediatos. Depara-se outra vez com a escolha, com as múltiplas possibilidades [...] e dessa vez a escolha de “*ALMA ROJA*” vai contra a tendência, contra a maioria, evidenciando o perigo das generalizações que uma leitura apressada da caricatura poderia suscitar ao interpretar-se a utilização da violência enquanto prática recorrente dos anarquistas de Buenos Aires na primeira década do século XX. “Mais uma vez, os historiadores precisam estar alerta para não tomarem imagens idealizadas pela realidade que elas dizem representar” (BURKE, 2004: 187).

⁶ Em alguns textos é comum a utilização do termo *ação direta* enquanto sinônimo de *ação violenta*. No entanto, tal utilização do termo *ação direta* é um equívoco, uma vez que este engloba uma série de eventos, tais como: greve geral, passeatas, comícios, teatros, palestras, festas, entre outros eventos que não se utilizam da violência.

⁷ Para essa questão ver BAYER, Osvaldo. *Anarquistas Expropriadores*. São Paulo: Luta Libertária, 2004.

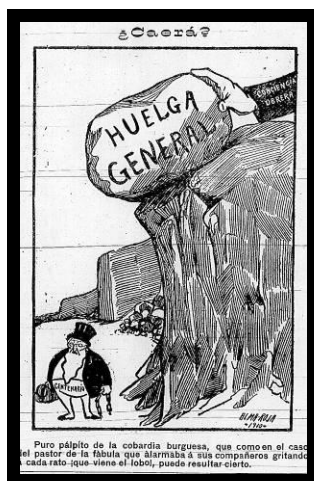


Figura 6: Caricatura representando a crença na Greve Geral no **La Protesta** (1910).
Fonte: La Protesta, 3 de abril de 1910, nº1855, p.01

Na primeira charge é claramente percebida a crença na consciência obreira e na utilização da greve geral para diminuir a influência e o poder dos capitalistas. O capitalista desenhado corresponde ao capitalista clássico da Belle Époque (gordo com cartola) e o mesmo está sendo ameaçado pela greve geral, a qual provavelmente o destruirá (de acordo com a representação do caricaturista). A legenda reforça a ameaça da greve geral, uma vez que afirma que *“puro pálpito de la cobardia burguesa, que como en el caso del pastor de la fabula que alarmaba a sus compañeros gritando a cada rato que viene el lobo, puede resultar cierto”*. O lobo de que trata a legenda se refere à greve geral, a qual representa um perigo real para os capitalistas. Já no próximo desenho os capitalistas aparecem representados com orelhas de burro, identificando a ignorância dos mesmos (as orelhas de burro eram muito usadas pelos anarquistas nas representações tanto dos capitalistas/burgueses como dos entes do clero). E, abaixo dessa representação, está a ameaça, a bomba, indo em direção ao seu inimigo (burgueses) e a legenda reforçando a ameaça *“esto matará aquello”*.



Figura 7: Caricatura representando a ação violenta no **La Protesta** (1908).
Fonte: *La Protesta*, 7 de junio de 1908, nº1367, p.01

Através de fragmentos de textos e das caricaturas aqui analisadas “*ALMA ROJA*” forneceu elementos que permitiram reconstruir parte do cotidiano do bairro de Barracas, em Buenos Aires. Informando sobre a exploração operária, a miséria, a falta de escolas e, por outro lado, a importância dada à educação, a criação de escolas operárias, as ações em prol de mudanças como a greve geral ou o emprego de ações violentas, enfim, tentativas que buscavam um outro porvir, um final alternativo. No entanto, os fragmentos deixados por “*ALMA ROJA*” não possibilitaram a reconstrução total e detalhada da sua existência, porém, as caricaturas publicadas entre os anos de 1908 e 1910 no periódico libertário **La Protesta** e no **Suplemento de La Protesta** permitiram uma variedade de reflexões e descobertas, e acredita-se que, se por um lado se mostraram débil, por outro evidenciaram comportamentos e utopias de um caricaturista que procurou traçar as injustiças, as reivindicações e os sonhos que permearam sua existência (ou parte dela).

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Marialva. **Como escrever a história da imprensa?** Rio de Janeiro: Ed. UFF, 2004.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem.** São Paulo: EDUSC, 2004.

BARRANCOS, DORA. **Anarquismo, Educación y costumbres en la Argentina de principios de siglo.** Buenos Aires: Ed. Contrapunto, 1990.

FRANCO, Antonio. **Análisis semântico-pragmático de las caricaturas de Pedro León Zapata**. Caracas: Zulia, 2001

GRIBAUDI, Maurizio. **Escala, pertinência, configuração**. In: REVEL, J. (org). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e Política da Ironia**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

LEPETIT, Bernard. **Sobre a escala na história**. In: REVEL, J. (org). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LEVI Apud GRIBAUDI, Maurizio. **Escala, pertinência, configuração**. In: REVEL, J. (org). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera**. Buenos Aires: edhasa, 2009.

LÖWITH Apud LORIGA, S. **A Biografia como um problema**. In: REVEL, J. (org). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SANTILLÁN, Diego Abad De. **Certamen Internacional de La Protesta**: en ocasión del 30 aniversario de su fundación. Buenos Aires, 1927. (Formato Cd)

SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Bueno Aires**. Buenos Aires: Manantial, 2001.